

Imagens de animais no Ms. 1 Azul da Academia das Ciências de Lisboa: coerência simbólica e estímulo à reflexão

*Images of animals in Ms. 1 Azul of the Lisbon Academy of Sciences:
symbolic coherence and stimulus for reflection*

ISABEL BARROS DIAS
Universidade Aberta, Portugal
isabel.dias@uab.pt
<https://orcid.org/0000-0003-3479-6660>

Resumo

Estudo de um conjunto de iluminuras com representações de animais existentes no ms. 1 Azul da *Crónica de 1344*, atualmente na Academia da Ciências de Lisboa. Defende-se que estas imagens (que têm sido consideradas e estudadas sobretudo pela sua vertente decorativa) transportam uma carga semântica significativa que interpelaria o público que observasse o códice e tivesse capacidade exegética para o ler em todas as suas dimensões. Para atestar esta posição, as imagens são trianguladas com o texto da crónica e com os significados atribuídos a esses animais em bestiários, livros das aves e na tradição bíblica. Numa primeira parte, estuda-se a coerência da presença de imagens de uma determinada criatura (o dragão) em pontos-chave da narrativa, funcionando como dispositivos de alerta para momentos mais fraturantes da história peninsular (pecados, dissensões, invasões). Seguidamente, na segunda parte, são apresentadas leituras holísticas de dois quadros, formados pelo códice aberto. Nestes fólios, existem imagens de animais diversificados, como leões, águias, cães, carneiros, cervos e leopardos, que, tendo em conta a sua dimensão simbólica, mostram ter uma valência de estímulos, enquanto promotores de reflexões sobre temas éticos e morais, de carácter abstrato, no que se refere à profundidade semântica atribuída aos animais, mas que também encontram uma certa concretização nos episódios relatados pelo texto da crónica. Os resultados do estudo permitem ressaltar a pertinência da aplicação desta chave interpretativa.

Palavras-chave: Animais; Iluminuras; *Crónica de 1344*; manuscrito 1 Azul ACL; exegese; Bestiários; Livros das aves; cultura medieval.

Abstract

Study of a set of illuminations depicting animals in Ms. 1 Azul of the *Chronicle of 1344*, currently in the Lisbon Academy of Sciences. It is argued that these images (which have been considered and studied mainly for their decorative aspect) carry a significant semantic value that would dialogue with the public who observed the codex and had the exegetical capacity to read it in all its dimensions. To prove this, the images are cross-checked with the text of the chronicle and with the meanings attributed to these animals in bestiaries, bird books, and the biblical tradition. In the first part, the coherence of the presence of images of a particular creature (the dragon) at key points in the narrative is studied, functioning as warning devices for some more critical moments in peninsular history (sins, dissensions, invasions). Next, in the second part, holistic readings of two panels formed by the open codex are presented. In these folios, there are images of various animals, such as lions, eagles, dogs, lambs, deer, and leopards, which, taking into account their symbolic dimension, show that they have a specific value as stimuli, promoting reflections on ethical and moral issues of an abstract nature, in terms of the semantic depth attributed to animals, but which also find a certain concreteness in the episodes reported in the text of the chronicle. The results of the study make it possible to emphasise the relevance of applying this interpretative key.

Keywords: Animals; Illuminations; *Chronicle of 1344*; manuscript 1 Azul ACL; exegesis; Bestiaries; Bird books; medieval culture.

Citació: Dias, Isabel Barros. (2025). Imagens de animais no Ms. 1 Azul da Academia das Ciências de Lisboa: coerência simbólica e estímulo à reflexão. *Ítaca. Revista de Filologia*, (16), 91-108. <https://doi.org/10.14198/itaca.28527>

Rebut: 23/10/2024, **Acceptat:** 07/01/2025

Conflicte d'interessos: l'autora declara que no existeix conflicte d'interessos.

Finançament: este trabalho integra-se no projeto «Castilla y Portugal en la Baja Edad Media: contactos sociales, culturales y espirituales entre dos monarquías rivales (s. XIII-XV)» – referência PID2020-114722GB-100 - Agencia Estatal de Investigación (AEI), Ministerio de Ciencia e Innovación, del Gobierno de España. Agradeço à Academia das Ciências de Lisboa a disponibilização online do códice e a autorização para a respetiva reprodução de imagens.

Aquest treball es comparteix sota la llicència de Reconeixement-NoComercial-CompartirIgual 4.0 Internacional (CC BY-NC-SA 4.0): <https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/>



©2025 Isabel Barros Dias

As primeiras duas décadas do séc. XXI viram a emergência e consolidação de uma nova área académica, concretizada em múltiplas disciplinas e caracterizada por se focar no estudo dos animais. Este movimento, designado como *animal turn* (Ritvo, 2007; Cederholm *et al*, 2014), elege o animal como centro de questionamentos científicos e, de modo mais amplo, de preocupações humanas. Apesar de nunca como agora se refletir tanto acerca dos animais, estes foram, desde sempre, especialmente próximos do ser humano, seja como companheiros, seja como adjuvantes no trabalho e na caça, seja como presa, troféu ou ainda ameaça. Aliás, quanto mais recuamos no tempo, mais a proximidade entre o ser humano e os animais se amplia, uma vez que a tendência urbana da sociedade atual, apesar de ter aprofundado os laços com alguns animais mais próximos, de companhia, tem também vindo a limitar a diversidade dos animais com que o ser humano comum anteriormente interagia.

Especificamente no período medieval, a relação ser humano – animal era particularmente rica e multifacetada. Para além das dimensões mais concretas, já referidas, o animal, enquanto parte integrante do livro da natureza, possuía uma profunda densidade simbólica. Bestiários e textos enciclopédicos catalogavam criaturas reais e imaginárias, cujos hábitos e particularidades interpretavam de diversas formas, frequentemente como espelhos de outras realidades, espirituais ou divinas. O sucesso destas obras e o seu uso, nomeadamente, na pregação e em ficções literárias, fez com que as características e significados atribuídos a múltiplos animais se vulgarizassem e entrassem na cultura geral das populações. Prova deste conhecimento pode ser encontrada na sobrevivência, até à atualidade, não só na Europa em geral,¹ mas também, especificamente, na Península Ibérica, de obras onde são enumerados animais e respetivos significados e simbolismos. No que se refere a pássaros, perduram manuscritos de *Livros das Aves*, em latim, associados aos três cenóbios mais importantes de Portugal, Lorvão, Santa Cruz de Coimbra e Alcobaça, ao que acresce um exemplar em português vernáculo.² No que diz respeito a bestiários, na Península Ibérica só sobrevive um conjunto de manuscritos catalães, dois textos completos, cinco fragmentários e notícia

1. Para uma perspetiva geral e alguns exemplos dos muitíssimos bestiários medievais que chegaram até aos nossos dias, ver Clark, 2006 e Zambon *et alii*, 2018. No entanto, no presente artigo, por uma questão de coerência e proximidade relativamente ao códice estudado, centrar-nos-emos preferencialmente nas interpretações de animais veiculadas por manuscritos de bestiários e aviários sobreviventes na Península Ibérica.

2. Os ms. dos *Livros das Aves* portugueses, em latim, são os seguintes (por ordem cronológica): 1) Lorvão (1184), atualmente no Arquivo Nacional da Torre do Tombo, ms. 90; 2) Santa Cruz de Coimbra (de finais do séc. XII – inícios do XIII), atualmente na Biblioteca Pública Municipal do Porto, ms. 43, fl. 89-110v; 3) Alcobaça (finais do séc. XIII – inícios do XIV), atualmente na Biblioteca Nacional de Lisboa, Alc. 238, fl. 202v-227. A edição e tradução do texto desta obra é de Gonçalves (1999). Do ms. em português, do séc. XIV, subsistem 9 fl., atualmente na Biblioteca da Universidade de Brasília (setor Obras Raras), tendo o seu texto sido editado por Rossi (1965).

de ainda outro exemplar, atualmente perdido (Martín, 2022: 27-28 e 62-70). Datados, inicialmente, na sua maior parte, do séc. XV (Panunzio, 1963: 18-31), mais recentemente, a datação de quatro dos fragmentos foi situada na segunda metade / finais do séc. XIV (Martín, 2022: 65-68). Para além disso, indicações em inventários e referências anteriores e coetâneas, nomeadamente em obras literárias, indiciam o conhecimento generalizado prévio deste tipo de obras (Panunzio, 1963: 11-17; Martín Pascual, 1996; Martín, 2022: 30-62). Acresce que um dos textos mais difundidos na Península Ibérica medieval, as *Etimologias* de Isidoro de Sevilha (séc. VII), no seu livro XII, integra um bestiário («De Animalibus»). A sedimentação do conhecimento da simbologia animal terá contado ainda com vias de difusão oral, nomeadamente, a predicação e literatura diversa (com destaque para *exempla*, fábulas e contos de animais). Esta circulação era potenciada pela comunicação existente entre os vários reinos peninsulares, calcorreados por múltiplos viajantes, em especial, algumas elites, que circulavam no âmbito das suas relações familiares, de embaixadas, de atividades bélicas e nos círculos associados à troca de noivas régias. No caso específico do manuscrito estudado neste artigo, o ms. 1 Azul da *Crónica de 1344*, atualmente na Academia das Ciências de Lisboa, datado do séc. XV (Cintra, 1951: CDXCIII), podemos considerar a existência de contactos entre os extremos ocidental e oriental da Península, na mesma época em que os manuscritos dos bestiários catalães estavam a ser produzidos, graças ao casamento de Leonor de Aragão com Duarte de Portugal, respetivamente, possíveis destinatária e encomendador deste códice.³ A conjugação destes diversos fatores permite-nos considerar que o valor simbólico dos animais seria amplamente conhecido na Península Ibérica, durante o período medieval, integrando o imaginário popular e coletivo da época, tal como sugerido por Martín (2022: 29). O estudo desenvolvido no presente artigo assenta precisamente neste pressuposto do conhecimento generalizado dos significados atribuídos a características e comportamentos de um amplo número de animais. Esta cultura geral, tendo sido absorvida pelas populações, emerge em diversas realizações artísticas e comunicacionais, uma vez que se trata de conhecimentos partilhados entre os artistas e os seus públicos.

O manuscrito da segunda redação da *Crónica de 1344*, atualmente na Academia das Ciências de Lisboa, constitui um excelente exemplo desta dinâmica. Trata-se de uma obra de grande beleza que integra um conjunto assinalável de iluminuras, muitas representando

3. Com efeito, Leonor de Aragão (1402-1445), irmã do rei Afonso V, o Magnânimo, soberano de Aragão e do condado de Barcelona, casou em 1428 com o então príncipe Duarte de Portugal (1391-1438), tendo, naturalmente, trazido o seu séquito. De acordo com os estudos mais recentes (Martín, 2022, pp. 65-68), vários exemplares de manuscritos do bestiário catalão remontam à segunda metade / finais do séc. XIV. O programa decorativo do códice da *Crónica de 1344* que aqui estudamos foi datado dos anos 20/30 do séc. XV (Tibúrcio, 2013 e 2018). O facto de o Bestiário catalão derivar do Bestiário toscano testemunha igualmente contactos culturais, neste caso, entre o levante ibérico e a península itálica.

animais. O códice já foi estudado desde o ponto de vista da História da Arte,⁴ da Literatura e da História do Livro.⁵ Lindley Cintra foi precursor destas linhas de pesquisa. Editou o texto da crónica e datou o manuscrito das primeiras décadas do séc. XV, associando-o ao círculo do rei D. Duarte, cuja biblioteca terá integrado (Cintra, 1951: CDXCVIII). Cintra também traçou a trajetória do códice, desde a segunda metade do séc. XVI, momento a partir do qual existe documentação que o refere, até à sua aquisição pela Academia das Ciências de Lisboa, onde atualmente se encontra (Cintra, 1951: CDXCIX). Desde então, os estudos desenvolvidos têm-se centrado na análise estética da decoração, no levantamento de eventuais influências artísticas, na identificação de figuras representadas e respetiva caracterização. O que propomos e que temos vindo a estudar nos últimos anos (Dias, 2023a e 2023b), diverge destas análises, porquanto consideramos que, para além da dimensão estética inegável, muitas imagens, nomeadamente de animais, frequentes nos fólhos desta obra, são mais do que meros ornamentos. Queremos com isto dizer que, para além das imagens narrativas e ilustrativas⁶ que o manuscrito contém, outras figuras, regra geral consideradas como decoração avulsa, provavelmente também continham e transmitiam significados ao alcance do público mais erudito que as observava. Com efeito, a triangulação de algumas destas imagens com os temas abordados no texto cronístico e o simbolismo animal transmitido por bestiários, aviários, textos enciclopédicos e pela tradição moral judaico-cristã tem levado a resultados significativos, na linha do estudo que a seguir apresentamos. Numa primeira parte abordaremos o caso de uma criatura que marca presença em diversos pontos do códice, mantendo uma coerência semântica, o dragão. Na segunda parte, proporemos leituras

4. Estudos sobre o programa iconográfico deste manuscrito foram realizados por Peixeiro, Tibúrcio, Rodríguez Porto e Pandiello. Estes estudos identificaram diferenças e oscilações no programa decorativo (Peixeiro, 2009, considera que se trata de um programa não unitário; Tibúrcio, 2016, defende a coerência da decoração executada); procuraram datar a sua realização (Peixeiro, 2009 considera que a decoração foi realizada após a redação do texto, em meados do séc. XV; Tibúrcio, 2013 e 2018, considera que as iluminuras são dos anos 1420/30); contextualizaram comparativamente o códice (para além da questão das semelhanças com outros códices saídos do *scriptorium* régio dos Avis, já referidas por Cintra, 1951, p. CDXCVIII; Rodríguez Porto, 2016 sublinha as diferenças existentes entre o programa iconográfico deste ms. e outros ms. afonsinos e pós-afonsinos) e identificaram linhas temáticas predominantes, como a exaltação do rei e da soberania (Peixeiro, 2009) ou a atenção dada a exemplos de comportamentos femininos (Pandiello, 2016).

5. Nascimento (2019) aborda as características do códice e faz um percurso pela sua história e pelos estudos já realizados a seu respeito; Amado (1999-2000) estuda a relação entre texto e imagem em cinco pontos específicos do ms. da Academia das Ciências.

6. Entendemos como imagens narrativas, as que retratam ações ou um episódio específico da crónica (caso da imagem que representa o milagre do arcebispo de Santiago ou da que reproduz o funeral do rei Fernando I, entre outras). Consideramos imagens ilustrativas as que representam personagens cujas ações são referidas na crónica, caso de um conjunto de retratos de reis, que esta obra integra. Estas imagens já foram amplamente estudadas, nomeadamente pelos autores referidos nas duas notas anteriores.

holísticas de dois pontos específicos do códice, onde podemos encontrar alguma profusão de imagens de animais, considerando o livro aberto como um quadro a observar e a ler.

I. UMA FIGURA RECORRENTE: DRAGÕES COMO ALERTAS DE PERIGOS

Uma representação relativamente recorrente no ms. 1 Azul é a do dragão, um animal marcado de forma bastante negativa, tanto em bestiários como, sobretudo, na tradição bíblica, onde é associado às forças malignas e destruidoras. Em consonância com estes significados, as imagens de dragões que encontramos neste códice parecem assinalar momentos de ameaças ou que darão origem a situações perigosas. Funcionariam, assim, como alertas para despertar o leitor para as situações reportadas pelo texto da crónica, marcando-as como negativas ou potencialmente perigosas. Encontramos dragões, especificamente, em pontos do relato que integram lendas relacionadas com pecados significativos de reis e associáveis ao quadro da depreciação da chamada “linhagem maldita”.⁷ Um encontra-se no início do capítulo que relata a lenda da moura de Toledo, que “encantou” o rei Afonso VIII.⁸ Trata-se de dois dragões, cada um formando um círculo, mordendo a própria cauda. Os dois seres estão também entrelaçados pelas caudas. O de cima é azul e tem chifres, o de baixo é vermelho (fl. 272v). Outro situa-se aquando da narrativa da blasfémia do rei sábio, que, com soberba, ousa comparar-se com Deus.⁹ Neste caso, é o espaço entre colunas ao lado do início deste capítulo que contém um dragão longo, verde, com asas cor de laranja (fl. 294v).

Também encontramos dragões em pontos do relato que se referem a enfrentamentos entre personagens marcadas positivamente e que têm de se defender de maquinações de oponentes. É o caso do fl. 189v, onde se pode ver, no início do cap. CDLII, «Como os condes de Castella quiseram fazer matar aos mouros per treyçon Roy Diaz de Vyvar e como por esto foron deitados de Castella» (Cintra (ed.), 1961, p. 307), um homem que combate um dragão verde, de aspeto bastante agressivo, pois, para além das asas (comuns nas representações de dragões neste manuscrito), tem chifres e lança pela boca uma torrente vermelha de fogo. Como arma, o homem tem uma vara em posição de preparação de golpe. Tem ainda os pés manietados pela cauda do dragão, o que pode remeter para a convicção, reportada em bestiários, de que a força destas criaturas radica sobretudo na cauda:

7. Arizaleta sugere a possibilidade de a história da judia de Toledo se articular com a lenda da blasfémia de Afonso X, no quadro da criação e difusão de relatos que denigrassem os soberanos da denominada «linhagem maldita» (Arizaleta, 2005: 62-68).

8. Cap. DCCXLI – «Como el rey dom Afonso se namorou dhũa judia e se ençarrou con ella e como lha mataron seus vassallos» (Cintra (ed.), 1990: 281).

9. Cap. DCCXCI – «Das palavras que el rey dom Afonso disse contra a vootade de Deus, per que depois foi deserddado do reyno» (Cintra (ed.), 1990: 382).

Qui saepe ab speluncis abstractus fertur in aerem, concitaturque propter eum aer. Est autem cristatus, ore parvo, et artis fistulis, per quas trahit spiritum et linguam exerat. Vim autem non in dentibus, sed in cauda habet, et verbere potius quam rictu nocet. Innoxius autem est a venenis, sed ideo huic ad mortem faciendam venena non esse necessaria, quia si quem ligarit occidit. A quo nec elephans tutus est sui corporis magnitudine; nam circa semitas delitescens, per quas elephanti soliti gradiuntur, crura eorum nodis inligat, ac suffocatos perimit.

[...]

Con frecuencia, saliendo de sus cavernas, se remonta por los aires y por su causa se producen ciclones. Está dotado de cresta, tiene la boca pequeña, y unos estrechos conductos por los que respira y saca la lengua. Pero su fuerza no radica en los dientes, sino en la cola, y produce más daño cuando la emplea a modo de látigo que cuando se sirve de su boca para morder. Es inofensivo en cuanto al veneno, puesto que no tiene necesidad de él para provocar la muerte: mata siempre asfixiando a su víctima. Ni siquiera el elefante, a pesar de su magnitud, está a salvo del dragón: éste se esconde al acecho cerca de los caminos por los que suelen transitar los elefantes, y se enrosca a sus patas hasta hacerlos perecer por asfixia. (Isidoro de Sevilla, 1982, vol. II: 80-81 – *Etim.* XII, 4, 4-5)

Situação difícil é também a enfrentada pela rainha Berengária, particularmente bem vista nas crónicas de matriz afonsina, acérrima defensora dos direitos do seu filho, Fernando III contra, entre outras ameaças, alguns magnates poderosos, caso da família Lara, então chefiada pelo conde Álvaro Núñez de Lara. O início do cap. DCCLXXX,¹⁰ que reporta um episódio desta oposição, é também ornado com um dragão verde, formando um S, este com a particularidade de não ter asas (fl. 288v). Particularmente funesto é o episódio da morte do conde Garcia Fernandes, para a qual contribuíram as ações traiçoeiras da sua mulher, a condessa D. Sancha, que «cobiiçava muyto de veer a morte do cõde seu marido» (Cintra (ed.), 1961: 198). Esta alimenta mal o cavalo do conde, provocando a sua fraqueza, com consequências no campo de batalha, dando origem a uma derrota frente aos mouros e à subsequente morte de Garcia Fernandes. O início do cap. CCCXCIX («Hora leixa o conto a fallar de Mahomat Almohadi e torna a fallar do conde dom Garcia Fernandez e da sua morte e de como lha guisou a condessa dõna Sancha, sua molher» Cintra (ed.), 1990, p. 198) é significativamente ilustrado por uma imagem de um homem praticamente nu que é agarrado e mordido na zona da bacia por um dragão verde, com garras fincadas numa perna e no tronco da sua vítima (fl. 160v).

Como expectável, dada a carga negativa associada a estas criaturas, alguns dragões marcam confrontos com mouros. No fl. 222r temos uma cabeça de dragão, de aspeto feroz. Tem orelhas e não chifres na cabeça, mas parece ter um chifre nas narinas. A boca está aberta,

10. «Como a rainha dona Biringuella mandou dizer ao conde dom Alvaro que vesse a vistas con el rey e con ella» (Cintra (ed.), 1990: 355).

mostrando os dentes, e a língua prolonga-se em várias linhas de fogo. Orna o início do cap. DXLII – «Como el rei dom Afonso foi fazer mal aos mouros é terra de Tolledo e esto per cõsselho d’algũs mouros da cidade de Tolledo» (Cintra (ed.), 1990: 6). Trata-se, não só de uma incursão contra muçulmanos, mas sobretudo de um momento em que os próprios mouros estão desavindos entre si. Outra situação particularmente grave de dissensões internas entre muçulmanos é relatada numa página onde se encontra mais um dragão (fl. 228v). Neste caso, temos um dragão verde com asas azuis no início do cap. DLXV - «Como se foy pera Murvedro aquelle filho de Bubecar por que se nõ asegurava é Vallença» (Cintra (ed.), 1990: 32). A seguir a esta passagem, é contada a história do casamento de Afonso VI com a moura Zaida, facto considerado como causa de nova incursão de árabes na Espanha (mais concretamente, a invasão dos Almorávidas) – cap. DLXVI - «Como e por qual razão passarõ os Allarves em Espanha» (Cintra (ed.), 1990: 32) –, momento fraturante, tanto para mouros como, sobretudo, para cristãos. Certamente por isso, o fl. 228v integra um conjunto de animais que remetem, simbolicamente, para a dicotomia fidelidade / infidelidade, nomeadamente cães (aliás, o dragão forma um P inicial em articulação com um cão, cujas patas prende com a cauda, mordendo-lhe a barriga com a boca) e um bicho manchado com pintas que parece tratar-se de um leopardo, ou seja, um animal bastante desconsiderado, dada a sua natureza, tida como híbrida, misto de leão e pantera, considerado como o negativo do leão e aliado do dragão (Pastoureau, 2004: 62-66; Isidoro de Sevilla, 1982, vol. II: 70-71 – *Etim.* XII, 2, 11).



Imagem 1 - ms. 1 Azul da Academia das Ciências de Lisboa – fls. 187v-187(bis)r

Finalmente, uma ocorrência que poderá parecer, à primeira vista, mais intrigante. Trata-se do fl. 187(bis)r, decorado com uma profusão de dragões alados: dois na margem esquerda,

três na margem direita, dois entrelaçados no rodapé e ainda um último a beber de um cálice na inicial do cap. CDXLVI – «Como el rey dom Fernando criou o Cide Ruy Dyaz» (Cintra (ed.), 1961: 297). No final do capítulo anterior, transcrito no mesmo fl., é apresentada a descendência dos reis Fernando I e Sancha de Leão e Castela: Sancho, Afonso, Garcia, Urraca e Elvira. O Cid surge nesta sequência a título de ter sido criado e feito cavaleiro por Fernando I. Assim, trata-se de informações, à partida, tranquilas, que não se referem a dissensões, nem a traições. No entanto, é neste ponto que são apresentados os irmãos e irmãs que, a seguir, vão protagonizar guerras fratricidas fraturantes, em resultado, tanto da divisão do território hispânico em vários reinos, como, de acordo com esta crónica, da ambição e violência do irmão mais velho, Sancho, que acaba por morrer numa cilada traiçoeira, com a aquiescência da sua irmã Urraca. Dado este desenvolvimento da história, a presença de dragões nesta página alinha pelo sentido das demais representações, funcionando, igualmente, como um alerta para o que será relatado a seguir.

Sendo certo que a crónica refere múltiplas situações de pecados, de traições, de conflitos internos, de combates com mouros... também é verdade que as representações de dragões convergem para assinalar personagens e momentos especialmente dramáticos da história ibérica. Por conseguinte, parece-nos possível identificar um vetor semântico que, através da imagem, liga o texto da crónica aos significados simbólicos desta criatura. O dragão é um ser imaginário dos mais antigos e agressivos, particularmente carregado de sentidos, quase todos negativos. Com efeito, desde bestiários e contos tradicionais, até, sobretudo, à tradição bíblica judaico-cristã, difundida não só por sermões, mas também por *exempla* e na decoração de igrejas, todos estes elementos terão contribuído para a sedimentação da carga semântica atribuída ao dragão e que inevitavelmente assomaria à mente de quem olhasse para os fólhos do ms. 1 Azul da *Crónica de 1344* que contém representações de dragões.

Neste ponto, considerámos a coerência do significado de uma imagem de «animal» que passa pelo códice aqui em estudo. No entanto, como procuraremos demonstrar a seguir, a densidade simbólica que as imagens de animais trazem, em alguns pontos deste manuscrito, não se resume a significados singulares de figuras específicas. Tal como já sugerido quando nos referimos acima ao fl. 228v, pensamos que em alguns pontos do ms. 1 Azul é possível entender o quadro que o livro aberto nos apresenta, de forma holística, como um todo significante que transmite um conjunto de informações coerentes a quem o observa, estimulando assim o público à reflexão sobre alguns temas fundamentais, que partem do texto, passam pelo significado simbólico dos animais, e podem eclodir numa *ruminatio* acerca de questões filosóficas de fundo para o ser humano. Tratar-se-á de degraus de aprofundamento exegético que poderiam ser ou não trilhados pelo público, consoante a sua disposição e cultura, à semelhança dos sentidos mais e menos aprofundados da leitura, outrora estudados por Henri de Lubac.¹¹

11. Os quatro sentidos da leitura exegética medieval, estudados por Henri de Lubac (1959, 1961, 1963), são os seguintes (do mais básico para o mais elevado): *Littera* (leitura «à letra» ou histórica);

2. SOBERANIA, LEALDADE E VIDA TERRENA

Passamos agora a analisar dois momentos do manuscrito 1 Azul da *Crónica de 1344* que, entre outros possíveis, consideramos que permitem o tipo de interpretação holística que acabamos de descrever. Procuraremos ler dois quadros constituídos pelo livro aberto, tendo como chave para a leitura visual a simbologia dos animais que se encontram desenhados no manuscrito. Procuraremos assim efetuar uma aproximação ao impacto que a sua observação poderia ter no respetivo público.

Os dois passos que estudaremos a seguir estão ambos relacionadas com momentos de luta pelo poder. O primeiro refere-se ao fl. 161v e 162r. Este momento inclui os seguintes capítulos:

CD – Acabasse o senhorio do conde dom Garcia Fernandez. E começasse o do conde dô Sancho, seu filho, o qual foy senhor de Castella, como seu padre. E este foy o que pos bõos foros. [...]

CDI – Como o conde dom Sancho foy correr e roubar o reyno de Tolledo e de Cordova. [...]

CDII – Como Çolleima, rey de Cordova, matou todos aquelles que se lhe queriam alçar. E de como lidarom o conde dô Sancho e Çolleima cõ Mahomat Almohadi e como o vencererom. (Cintra (ed.), 1961: 200-203)

Resumidamente, este ponto da história refere-se ao conde Sancho cuja mãe (a condessa Sancha que anteriormente provocara a morte do marido, tal como referido acima), pretendendo casar com um rei mouro, pensou matar o filho a fim de lhe tomar a terra e, seguidamente, concretizar os seus intentos. Preparou um veneno com ervas, mas foi vista por uma coscuvilheira que era amante de um escudeiro do conde e lhe conta o que viu. O escudeiro avisa o seu senhor que, quando a mãe lhe dá a bebida, a força a beber primeiro, morrendo esta pela ação do seu próprio veneno. Como emenda por ter provocado a morte da mãe, o conde funda um mosteiro. No cap. CDI, o conde Sanch,o que, para além dos castelhanos, conta com o apoio de leoneses e navarros, ataca Toledo, destruindo a terra até Córdoba, como vingança pela morte do seu pai às mãos dos mouros. No último capítulo desta secção, o relato apresenta a subida ao trono de Çoleima, como rei de Córdoba. Também aqui temos uma situação de disputa pelo poder uma vez que existe uma facção antagónica que pretende eliminar Çoleima. Este toma conhecimento dos planos e prende os seus oponentes. Segui-

Allegoria (leitura, regra geral, apoiada no método tipológico, que procurava estabelecer relações entre as cenas do *Antigo* e do *Novo Testamento*); *Tropologia* (a partir da realidade visível, procurava-se descortinar verdades morais superiores); *Anagogia* (indo um pouco mais além, esta leitura partia, igualmente, da realidade mundana mas que agora era entendida como representação das realidades celestes e da vida futura). Especialmente os dois últimos sentidos são entendidos como «meditação profunda».

damente estabelece uma aliança com Sancho, conde de Castela, a fim de combaterem outro rei mouro.



Imagem 2 - ms. 1 Azul da Academia das Ciências de Lisboa – fls. 161v-162r

Os fls. 161v e 162r são particularmente ricos em termos de representações de animais. No início do cap. CD estão desenhados um leão e uma ovelha que se tocam nas patas e nos focinhos. No início do cap. CDI temos dois cães, um castanho e um branco, também numa atitude de proximidade, tocando-se pelas patas e focinhos, sendo ainda encimados por uma águia. Finalmente, o cap. CDII é ilustrado por um leão que persegue e alcança um veado. Se considerarmos os significados habitualmente atribuídos aos animais em causa, facilmente podemos concluir que a sua presença neste ponto do relato não pode ser fruto de mero acaso. No nosso entender, o que o livro aberto, nos fls. 161v e 162r transmite, tanto pelo texto, como pelas imagens, é um estímulo à reflexão sobre a soberania, o poder e a sua interação com os vassallos. O «abraço» entre o leão e a ovelha podem remeter para uma força soberana de um líder guerreiro que, não só governa, como se alia aos mais fracos, que protege (no caso desta história, sendo por eles também protegido)¹². O texto refere explicitamente a respeito do escudeiro que avisou o conde, assinalando a sua linhagem: «E aquelle scudeiro

12. Veja-se, por exemplo, o que o Bestiário catalão diz a respeito do leão (ms. A): «Lo lleó sí és la pus noble bèstia que sia; e és dit senyor de les altres bèsties per les nobles complexions que ell haen si. [...] Encara diu hom que ha una altra natura: que quan ell està en la selva e hom li passa davant, que si hom s'humilia a ell humilment, que el lleó ha mercè d'ell e no li fa mal.» (Martín e Parera (eds.), 2022: 126). Esta última característica é interpretada como imagem da misericórdia divina: «E així com lo lleó ha pietat de l'home qui s'humilia a ell, així nostre senyor Déu, quan l'home savi s'humilia a ell per bones obres, confessant-se dels seus pecats amb gran dolor e amb contrició de cor, e demanant-li perdó e misericórdia, així com se convé, adoncs nostre senyor Déu li ha mercè e pietat, e li perdona tots los seus pecats e l'apella a la sua glòria celestial» (Martín e Parera (eds.), 2022: 128).

e a covilheira casou despois o conde; e dally vêe os monteiros d'Espinhosa que guardam os reis de Castella; e esta guarda lhes foy dada por aquello que assy aconteceu» (Cintra (ed.), 1961: 201). Já os cães são caracterizados pela sua devoção aos donos, ainda que com risco da própria vida (Isidoro de Sevilha, 1982, vol. II, pp. 26-27 – *Etim.*, XII, 2, 25-27), ou, como refere o *Bestiário catalão* (texto do ms. A):

Lo ca sí és una bèstia qui coneix fort cells qui bé li fan, e és molt feel. [...]

Aquest ca, en ço que ell coneix los seus benefactors e és-los molt feel, com ell sia bèstia sens raó, emperò ha aquesta noblesa en si, que nós, qui som la pus noble creatura qui sia al món, molt mills devem ésser nobles e coneixents en conèixer e em ésser feels, e de no oblidar lo nostre benefactor, ço és, nostre senyor Jesucrist, creador e salvador de tot lo món. (Martín e Parera (eds.), 2022: 117)

Assim, a imagem dos dois cães que se tocam é pertinente num capítulo que refere a aliança de castelhanos, leoneses e navarros contra os mouros, chefiados pelo conde, eventualmente representado pela águia, outro animal soberano, que encima a imagem, como que supervisionando, o que se articula com a respetiva descrição no *Livro das aves*:

Aquila ab acumine oculorum uocata. Tanti enim contuitus esse dicitur, ut cum super maria immobili penna feratur nec humanis pateat obtutibus, de tanta sublimitate pisciculos natate uideat. Ac tormenti instar descendens raptam praedam pennis ad litus pertrahat. Nam et contra radium solis fertur obtutum non flectere, [...] Aquilae uocabulo potestas terrena figuratur.

[...]

O nome da águia deriva da acuidade dos seus olhos. Diz-se que vê tão bem que, quando paira sobre os mares com as asas paradas e não se mostra aos olhares humanos, vê, de tal altura, nadar os peixinhos e, descendo como um projétil, leva nas asas para a costa a presa apanhada. Também se diz que não desvia o olhar diante de um raio de sol [...] Com o vocábulo águia representa-se o poder terreno. (Gonçalves (ed.), 1999: 164-165)

Na última iluminura temos novamente um leão, mas numa situação de caça, perseguindo um veado, um cervídeo que, em alguma literatura medieval, como romances e hagiografias, assume uma valência de psicopompo, ou seja, um animal guia que estabelece ligações entre mundos distintos.¹³ Tal como sucedera com o conde D. Garcia, também Çoleima tem de se

Sobre o leão, ver também Isidoro de Sevilla (1982, vol. II: 68-69 – *Etim.*, XII, 2, 3-6). Ver ainda Pastoureau (2004: 54-72).

13. Sobre este assunto, ver Cigada, 1965, que estudou as funções narrativas e os significados da figura do cervo branco em diversas tradições mitológicas e literárias, onde pode assumir uma valência miraculosa e também funcionar como animal-guia. Pastoureau (2004: 84-86) sublinha a dimensão cristológica do cervo (no que se opõe ao javali), bem como a ideia de que se trata de um animal puro

impor perante os seus oponentes e mostrar a sua força agressiva e capacidades guerreiras. Ambos transitam entre fronteiras simbólicas ao aliarem-se para atacar um terceiro elemento. No seu conjunto, as três iluminuras que ilustram esta parte do relato sobre o conde Sancho de Castela representam três importantes vetores da soberania: a aliança com os súbditos mais fracos; a supervisão dos vassalos e combatentes aliados; a demonstração de capacidade guerreira e de força, que pode incluir a ultrapassagem de fronteiras.

O segundo exemplo encontra-se nos fl. 202v-203r. Nesta secção temos os seguintes capítulos, referentes ao início das guerras fratricidas que opuseram os três filhos de Fernando I (Sancho, Afonso e Garcia):

CDLXXXII – Como el rey dō Sancho se partio de Santaren e levou consygo el rey dom Garcia preso [...]

CDLXXXIII – Mas agora leixaremos a falar desto e tornaremos a contar de como el rei dō Sancho mādou desafiar el rey dom Afonso, seu irmão, e da batalha que ambos ouverom. [...]

CDLXXXIV – Como el rey dom Afonso lidou outra vez com seu irmão e foy vencido dom Sancho. [...]

CDLXXXV – Como el rey dō Sancho tornou aa batalha e foy preso el rei dom Afonso. [...]

CDLXXXVI – Como el rey dom Affonso de Leō sayo da prison de seu irmão. (Cintra (ed.), 1961: 362-366)

e virtuoso, segundo Plínio, inimigo da serpente. Esta última ideia é reiterada também por Isidoro de Sevilla (1982, vol. II: 60-61 – *Etim.* XII, 1, 18).

Imagens de animais no Ms. 1 Azul da Academia das Ciências de Lisboa: coerência simbólica e estímulo à reflexão



Imagem 3 - ms. 1 Azul da Academia das Ciências de Lisboa – fls. 202v-203r

Neste ponto do relato, voltamos a encontrar a figura soberana do leão. Logo no cap. CDLXXXII, que se reporta ao final dos combates entre os reis Sancho de Castela e Garcia da Galiza, vemos dois leões, com amplas jubas, que, curvando-se, mordem as patas traseiras um do outro. O capítulo seguinte, que narra a viragem do agressivo Sancho contra o seu outro irmão, Afonso de Leão, é encimado por uma figura humana, um homem que parece equilibrar-se numa vara. Este e os capítulos seguintes contam os avanços e recuos dos combates entre os dois irmãos. No capítulo CDLXXXIII é relatada uma primeira batalha, vencida por D. Sancho, sendo verbalizado o seguinte comentário reprovador: «E a guerra que soya seer antre os cristãos e os mouros tornou-se toda entre os cristãos, matandosse os irmãos e os parentes hñus cõ outros.» (Cintra (ed.), 1961: 364). Já o capítulo seguinte narra um novo combate, agora vencido por D. Afonso. No último capítulo do fl. 203r, D. Sancho fogia da batalha, porém, instado pelo Cid, volta. D. Afonso é preso e D. Sancho também é preso, neste caso, pelos leoneses, sendo subsequentemente libertado pelo Cid. O início do cap. CDLXXXIV é decorado com dois cisnes que cruzam os pescoços e, com os bicos abertos, parecem cantar. De acordo com o *Livro das Aves*, o cisne é associado ao despojar das glórias do mundo no momento da morte, o que nos remete para a futilidade da vida perante a iminência da morte.¹⁴ Finalmente, o fl. 203r é decorado, na margem esquerda,

14. «Ferunt in Hyperboreis partibus praecinentibus citharoedis olores plurimos aduolare, apteque ad modum concinere, quia qui uoluptatibus totis desideriis inhiant, quasi aduolantes uolutuposis concordant. Sed et in extremis cum cygnus moritur, ualde dulciter moriens canere perhibetur. Similiter cum de hac uita superbus egreditur, adhuc dulcedine praesentis saeculi delectatur, et quae male gessit ad memoriam moriens reducit. [...] Diz-se que nas regiões hiperbóreas muitos cisnes voam para

com um friso de peixes, motivo que é retomado na inicial do cap. CDLXXXIV. Sendo o peixe uma animal crístico, símbolo dos primeiros cristãos, estas imagens articulam-se, por um lado, com a figura humana que orna o último capítulo do fl. 203r, que nos mostra um homem quase nu, preso por uma perna enleada em vegetação; e, pelo outro lado, com outra imagem, dois fls. adiante, situada no momento em que se descreve o exílio do futuro Afonso VI em Toledo, que apresenta um homem numa postura semelhante à de um crucificado e encimado por um galo, novamente, um animal crístico, neste caso, associado à ressurreição, uma imagem que já tive oportunidade de comentar em outro trabalho (Dias, 2023b). A conjugação das várias imagens que ornaram os fls. 202v-203r, em articulação com os episódios narrados e acrescidas dos simbolismos acima apontados, parecem estimular reflexões sobre os perigos funestos a que os combates “de leões” podem dar origem, bem como para retirar palavras sobre o valor da vida terrena perante o além. Paralelamente, parece começar a delinear-se aqui um entendimento da figura de Afonso VI como uma personagem sofredora e crística que vai ter de passar por uma fase lunar de exílio entre os mouros antes de poder voltar à luz do sol como soberano dos reinos unificados de Castela, Leão e Galiza. Com efeito, Afonso VI é dos reis mais bem tratados nas crônicas de Espanha de matriz afonsina, entendimento que parece estar em ampla consonância com a simbologia desta e de outras imagens que, no ms. 1 Azul, lhe são associadas.

3. REFLEXÕES FINAIS

Em 1992, Mary Carruthers lançou um estudo fundamental para o entendimento de como a memória foi conceptualizada no período medieval. A autora reflete sobre várias noções e procedimentos, dando particular atenção a questões relacionadas com a articulação entre memória e imagens, tanto físicas como mentais. Comenta figuras e esquemas visuais que ajudariam a estruturar a memória e a lembrança. Entre outros comentários, distingue *imagines verborum* de *imagines rerum*,¹⁵ parecendo-nos que as primeiras se adequam ao que apresentámos nos dois pontos anteriores, por fornecerem pistas e remeterem para conhecimentos relacionados, mas exteriores à obra que acompanham. Com efeito, as imagens de

junto de citaredos e cantam acompanhando bem o ritmo, porque aqueles que ardentemente anseiam por prazeres estão em harmonia com os libidinosos, como que voando para junto deles. Mas diz-se que no fim, quando o cisne morre, canta, ao morrer, com muita doçura. De igual modo, quando deixa esta vida, o soberbo ainda se deleita com a doçura deste mundo e, ao morrer, relembra o que fez de mal.

15. Dos estudos de Mary Carruthers sublinhamos, para efeitos do presente trabalho, a distinção entre *imagines verborum*: «One of the continuing themes in medieval manuscript illumination is the use of what some art historians call ‘word-pictures’, or images that cue the text they accompany. The technique seems to me clearly related to the practice of making mnemonic *imagines*” (Carruthers, 1992, p. 226) e *imagines rerum*: “Some are ‘imagines rerum’, related to the content in a way that we seem to recognize easily.» (Carruthers, 1992: 229).

animais existentes no ms. 1 Azul da Academia das Ciências de Lisboa, tanto as que aqui apresentámos, como muitas outras, não devem continuar a ser consideradas mera decoração, pois tudo indica que têm funções acrescidas. Trazem para o texto a sua densidade semântica e simbólica, dando-se a ler a quem tiver conhecimento para tal, ou seja, quem possuir as chaves exegéticas que permitem o seu entendimento. Neste sentido, funcionam como elementos mnemónicos que convocam ideias simbólicas articuláveis com o relato do códice, estimulando assim a reflexão do observador acerca de um conjunto de ideias aprofundadas de carácter ético e moral.

Este entendimento articula-se com a dimensão instrutiva atribuída à historiografia, assente na máxima ciceroniana que a entende como «mestre da vida». Do mesmo modo, o didatismo é traço basilar das interpretações simbólicas e alegóricas que integram bestiários e livros das aves. Convocando, frequentemente, passagens bíblicas e moralizantes, estas obras estabelecem analogias entre características ou comportamentos de animais e vícios e virtudes humanas. Esta proximidade de intenções poderá ter sido um traço significativo, no códice aqui em análise, para a convergência entre a historiografia e este tipo de ilustrações, um pouco à semelhança da integração de informações oriundas de bestiários em obras de carácter moral, como se verificou, por exemplo, no *Horto do Esposo*.¹⁶ Acresce ainda a apetência dos príncipes de Avis em geral e do rei Duarte I de Portugal em particular, não só pela historiografia como também por obras didático-morais (Amado, 1999 e Nascimento, 2012). A vertente didática, moral e exemplar, sendo uma dimensão que perpassa por quase toda a literatura e arte medievais, verifica-se de forma mais pronunciada em alguns domínios, como os que temos vindo a referir, entre outros (caso, por exemplo, dos vitrais e esculturas que, para além de ornarem as igrejas, reproduziam visualmente episódios e ensinamentos religiosos). Neste sentido, podemos recordar as palavras de Nascimento (2001: 17) quando se refere ao «valor didático e instrumental da imagem» neste período. Neste contexto, parece-nos que as iluminuras que estudámos neste artigo alinham precisamente por este diapasão, articulando-se especialmente com a vertente didática da historiografia, acrescentando o facto de apontarem, de forma mais evidente, para os patamares mais elevados da reflexão, como se se tratasse de «glosas visuais ao texto», na feliz expressão de Rodríguez Porto (2016: 17).

O funcionamento das imagens de animais no ms. 1 Azul da *Crónica de 1344* como *loci* mnemónicos que projetam o leitor para significados complementares, estimulando reflexões e associações de ideias parece-nos, assim, constituir uma chave de leitura pertinente para um melhor entendimento da dimensão iconográfica deste manuscrito. Graças à triangulação

16. O *Horto do Esposo* (Nunes (ed.), 2008), obra didática e moral de finais do séc. XIV ou inícios do séc. XV inclui diversos *exempla* e referências a características de animais, decorrentes de bestiários, como base para a transmissão de ensinamentos morais. Trata-se, assim, de uma obra que também prova o conhecimento de bestiários, ainda que em Portugal, atualmente, não subsista nenhum manuscrito deste tipo de obra.

entre texto – iluminuras – conhecimentos gerais da época sobre as características e significados dos animais, parece-nos que as imagens em causa adquirem uma profundidade e pertinência anteriormente insuspeitadas. Mais do que marginais, trata-se de camadas suplementares de sentidos, que se articulam com a obra que acompanham, mas ultrapassando-a, ao lançar pistas para o aprofundamento das suas ideias mais abstratas e filosóficas.

BIBLIOGRAFIA

- Amado, Teresa. (1999-2000). As Imagens e o Texto Manuscrito Iluminado da *Crónica Geral de Espanha de 1344*. Ariane. *Revue d'études littéraires françaises*. 16, 35-49.
- Amado, Teresa. (1999). O projecto histórico de um infante. In Isabel Hub Faria (org.), Lindley Cintra. *Homenagem ao Homem, ao Mestre e ao Cidadão* (pp. 303-309). Cosmos-FLUL.
- Arizaleta, Amaia. (2005). Una historia en el margen: Alfonso VIII de Castilla y la Judía de Toledo. *Cahiers d'Études Hispaniques Médiévales*. 28, 37-68. <https://doi.org/10.3406/cehm.2005.1694>
- Carruthers, Mary. (1992). *The book of Memory: a Study of Memory in Medieval Culture*. Cambridge University Press.
- Cederholm, Erika Andersson; Björck, Amelie; Jennbert, Kristina & Lönngren, Ann-Sofie (eds.) (2014). *Exploring the Animal Turn. Human-Animal Relations in Science, Society and Culture*. Pufendorfinstitutet.
- Cigada, Sergio (1965). *La leggenda medievale del Cervo Bianco e le origini della "matière de Bretagne"*. Accademia Nazionale del Lincei.
- Cintra, Luís Filipe Lindley (ed.) (1951-vol. I; 1961-vol. III e 1990-vol. IV). *Crónica Geral de Espanha de 1344*. IN-CM.
- Clark, Willene B. (2006). *A Medieval Book of Beasts. The second-family bestiary: commentary, art, text and translation*. The Boydell Press.
- Dias, Isabel Barros (2023a). Imagens e imaginário no ms. da Academia das Ciências de Lisboa da *Crónica de 1344*. In C. F. Blanco Valdés & E. Borsari (Eds.). *Pervivencia y Literatura: documentos periféricos al texto literário* (pp. 243-257). Cilengua.
- Dias, Isabel Barros (2023b). Metáfora animal e exortação à reflexão no ms. da *Crónica de 1344* da Academia das Ciências de Lisboa. In C. Álvares & S. G. de Sousa (eds.). *Limiares Homem Animal na Literatura e na Cultura da Idade Média* (pp. 189-204). Peter Lang.
- Gonçalves, Maria Isabel Rebelo (ed. e trad.) (1999). *Livro das Aves*. Colibri.
- Isidoro de Sevilla. (1982). *Etimologías*. José Oroz Reta; Manuel-A. Marcos Casquero, & Manuel C. Díaz y Díaz, (ed. e introd.), BAC.
- Nunes, Irene Freire. (ed.), et alii (2008). *Horto do Esposo*. Colibri.
- Lubac, Henry de (1959, 1961, 1963). *Exégèse Médiévale. Les quatre sens de l'écriture*. Aubier.
- Ms. 1 Azul da Academia das Ciências de Lisboa – *Chronica de Hespanha*.

- Martín Pascual, Llúcia (1996). *La tradició animalística en la literatura catalana medieval*. Institut de Cultura «Juan Gil-Albert»
- Martín, Llúcia (Ed.). (2022). *Bestiari medieval*. Editorial Barcino.
- Nascimento, Aires A. (2001). «Texto e imagem: autonomia e interdependência em processo de leitura». In António Branco (coord.), *Figura. Actas do II Colóquio da Secção Portuguesa da Associação Hispânica de Literatura Medieval* (pp. 9-86). DLCM-FCHS-UAlg.
- Nascimento, Aires A. (2012). As livrarias dos Príncipes de Avis. In *Ler contra o tempo* (I, pp. 249-267). Centro de Estudos Clássicos.
- Nascimento, Aires A. (2019). *Crónica (Geral) de Espanha de 1344: o códice medieval da Academia das Ciências de Lisboa, – em encadernação recuperada e em revisitação de leituras*. Conferência apresentada na Academia das Ciências de Lisboa a 28/02/2019 (texto oferecido pelo autor).
- Pandiello, María (2016). Las imágenes de la *Crónica Geral de Espanha de 1344* (Ms. 1 Azul de la Academia das Ciências). Filiaciones artísticas y pautas iconográficas. *e-Spania*, 25. <https://doi.org/10.4000/e-spania.25893>
- Panunzio, Saverio (ed.). (1963). *Bestiariis*, Barcino.
- Pastoureau, Michel. (2004). *Une histoire symbolique du Moyen Âge occidental*. Seuil.
- Peixeiro, Horácio Augusto. (2009). Imagem e Tempo. Representações do Poder na Crónica Geral de Espanha. *Revista de História da Arte*, 7, 153-177.
- Ritvo, Harriet. (2007). On the animal turn. *Dædalus. Journal of the American Academy of Arts & Sciences*, 136 (4), 118-122. <https://doi.org/10.1162/daed.2007.136.4.118>
- Rodríguez Porto, Rosa M. (2016). La *Crónica Geral de Espanha de 1344* (ms. 1 A de la Academia das Ciências) y la tradición alfonsí. *e-Spania*, 25. <https://doi.org/10.4000/e-spania.25911>
- Rossi, Nino (ed. lit.). (1965). *Livro das Aves*. Instituto Nacional do Livro.
- Tibúrcio, Catarina. (2013). *A iluminura do Manuscrito 1 Série Azul da Crónica Geral de Espanha de 1344 da Academia das Ciências de Lisboa: da técnica e do estilo individual ao posicionamento no seu ambiente criador*. Dissertação de Mestrado apresentada à Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras (Mestrado em Arte, Património e Teoria do Restauro).
- Tibúrcio, Catarina. (2016). O manuscrito da *Crónica Geral de Espanha de 1344* da Academia das Ciências de Lisboa. Problematização em torno das questões da origem e da execução. In J. R. Melo & L. U. Afonso (Eds.). *O fascínio do Gótico. Um tributo a José Custódio Vieira da Silva* (pp. 87-104). Artis – IHA-FLUL.
- Tibúrcio, Catarina. (2018). A moda no M.S.A. 1 da *Crónica Geral de Espanha de 1344*. Contributo para a datação da iluminura. In J. M. Salvador González & M. C. da Silva (Org.), *Mirabilia Ars*, 8 (1), 43-67.
- Zambon, Francesco, et alii (a cura di). (2018). *Bestiari tardoantichi e medievali. I testi fondamentali della zoologia sacra cristiana*. Bompiani.